

Um minuto de silêncio ^{24/10/86} em MbuZini

MbuZini é o nome da parcela de território sul-africano onde, domingo à noite, se despenhou o avião do Presidente Samora Machel quando regressava da Zâmbia a Maputo.

É uma zona ondulada de colinas e pequenos vales, junto às fronteiras com a Namaacha e a Suazilândia. A área que circunda o local do trágico acontecimento tem muito poucas árvores, vendo-se campos abertos e pequenas localidades de palhotas e casas de alvenaria num raio de alguns quilómetros.

O avião presidencial tocou o solo no topo de uma colina a poucas centenas de metros da fronteira moçambicana, arrastando-se e desintegrando-se a alta velocidade pela meseta. A aeronave deverá ter capotado depois, ao ser projectada sobre o vale onde se encontravam os dois principais destroços, parte da fuselagem e da cauda, em torno das quais se encontravam os corpos dos falecidos.

Uma delegação moçambicana, chefiada pelo Ministro da Segurança Coronel Sérgio Vieira, visitou o local segunda-feira. A delegação incluía o Major-General Hama Thai, Comandante da Força Aérea moçambicana, o Vice-Ministro dos Transportes e Comunicações, Rui Lousã, o Vice-Ministro do Interior, Hipólito Patrício, o Vice-Ministro da Saúde, Dr. Fernando Vaz e o Dr. Cardoso, assim como peritos da Aviação Civil.

A delegação saiu de Maputo pouco após as 10 da manhã de segunda-feira em dois helicópteros da Força Aérea moçambicana, chegando à pequena cidade sul-africana fronteira de Komatiport às 10.35 horas, para uma paragem antes de se seguir para o local do despenhamento do avião.

Pouco tempo depois, chegou ao aeródromo de Komatiport o Comissário da Polícia sul-africana, General Johann Coetzee, tendo-se iniciado os primeiros contactos entre as duas partes.

Durante a viagem até Komatiport os membros da delegação moçambicana pouco falavam entre si, restando um ambiente de pesar. Del-me conta de que fizera uma coisa anti-jornalística: não perguntara a nenhum dos dirigentes moçambicanos se o Presidente Samora Machel tinha perecido. E del-me conta de que o não fizera porque queria alimentar a esperança de que o Pre-

sidente, de alguma forma, se pudesse ter salvo.

Quando o Ministro Sérgio Vieira regressou ao helicóptero após conversar com Coetzee, as suas feições haviam mudado, reflectiam uma tristeza dificilmente controlável. Só nesse momento fui assaltado pela ideia cruel de que havia, psicologicamente, apenas um caminho: enfrentar o facto de que Samora Machel havia morrido.

Ficou-se a aguardar a chegada do Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha, o que aconteceu ao meio-dia. Coetzee entrou no jacto executivo que trouxera Botha e estiveram a conversar lá dentro cerca de 15 minutos.

Em seguida, Botha dirigiu-se ao helicóptero que transportava o Ministro moçambicano e as duas delegações estiveram reunidas no seu interior para ultimarem os arranjos sobre a partida para o local do despenhamento.

Entretanto, o Dr. Vaz já partira para o hospital de Nelspruit — a uns 100 quilómetros de Komatiport — para onde tinham sido levados os 10 sobreviventes.

A intenção era evacuar imediatamente quaisquer feridos que pudessem viajar.

Os dois helicópteros moçambicanos e um sul-africano partiram para MbuZini onde chegaram por volta de uma da tarde, sensivelmente 16 horas, após o despenhamento do avião e seis horas após a primeira informação oficial de Pretória às autoridades moçambicanas sobre os acontecimentos.

Do ar, o cenário era desolador. Havia restos do «Tupolev» espalhados pelo topo da colina ao longo das centenas de metros por que se arrastou. Já no vale, via-se a maior parte dos destroços.

Aterrámos junto a uma árvore, uma das poucas da área, e a delegação moçambicana dividiu-se em dois grupos: um foi examinar toda a trajectória da queda, começando pelo local do primeiro embate enquanto um segundo grupo seguia para o local onde estavam os corpos.

Era tudo extremamente penoso de se ver. Os corpos dos falecidos, cobertos por lençóis e mantas, estavam espalhados em volta da fuselagem e cauda do avião, dentro de um raio de uns 30 metros.

O corpo do Presidente Samora

Machel já havia sido colocado no interior de uma urna, dentro de um saco de plástico castanho que se fecha hermeticamente.

Um médico sul-africano abriu a urna e o seco para que o Ministro Vieira procedesse à identificação do corpo do Presidente moçambicano.

O saco foi aberto no sentido de cabeça para os pés. Mas a minha primeira sensação forte de que se

Só depois reparei, na parte direita inferior do seu rosto, uma pequena faixa da barba que o tornara conhecido em todo o mundo. A sua cabeça estava ligeiramente inclinada sobre o ombro esquerdo.

Não houve tempo para exames em detalhe do corpo, na medida em que a autópsia seria feita em Maputo e porque os moçambicanos não conseguiram contemplar o corpo, silencioso como uma estátua, do

processo que durou quase duas horas e que foi muito doloroso, particularmente para aqueles que tinham, entre os falecidos, amigos íntimos ou figuras que muito admiravam.

Alguns, ao reconhecerem um amigo, retiravam-se alguns metros para, isoladamente, verterem as lágrimas que lhes inundavam os corações. E voltavam depois, apresentando uma serenidade que não li-

Fernando João pôs-se em posição de sentido, como militar que é.

Ele e Sérgio Vieira cumprimentaram-se, fazendo continências. Mas a emoção era demasiado forte. Algumas lágrimas saíram dos olhos de Fernando João. O Ministro pousou a mão direita sobre a nuca do oficial ferido e encostou-a depois ao seu ombro esquerdo, ficando os dois assim durante alguns segundos.

Fernando João recompôs-se rapidamente e assumiu a postura militar passando a relatar sucintamente o que tinha acontecido.

Disse que pouco antes das 21 horas de domingo, o avião presidencial se aproximava do Maputo quando houve uma comunicação da hospedeira a informar os passageiros para se prepararem para a aterragem.

— Passaram mais cinco minutos sem nenhuma outra informação — disse ele.

De repente, afirmou ele, ouvimos o avião a chilar, parecia que levou tiro.

Acrescentou que logo desligaram-se as luzes, e que passaram três minutos em que o avião ia cegamente, sem energia a bordo e com o motor já paralisado.

Sérgio Vieira insistiu sobre a questão do ruído e Fernando João voltou a dizer que ouvira um sinal tipo disparo.

Fernando João declarou também que o corte de energia a bordo se deu simultaneamente com o parar dos motores.

Ele disse depois que se dera o choque com o solo, e que fora cuspidão.

Apontando uma casa branca à distância, disse que se dirigira para ela cerca das 22 horas. Começou a andar cegamente.

Encontrou alguém que não falava nem português nem changane — a sua língua materna — até que conseguiu entabular conversa com uma mulher que falava changane e que tinha um bebé ao colo.

Ela tirou o candelito e vir-me a sangrar. «O que é que se passa?» Eu disse que o nosso avião caiu, eu sou moçambicano. Não escondi. Vi-mos de viagem, estava lá muita gente não sou capaz de contar.

Fernando João pediu à senhora que o acompanhasse ao local onde se despenhara o avião mas ela respondeu: «Não, naquela zona é perigosa porque a semana passada alguém pôs uma mina».

A senhora levou o militar ferido até ao induna (chefe tradicional) da zona com quem se veio a encontrar por volta da meia-noite. Através da Rádio de uma missão local comunicou-se para um posto policial de Komatiport.

Ele informou do que se passava, pedindo que se comunicasse imediatamente para Moçambique que o avião que vinha de MbuZini (na Zâmbia) com destino a Maputo está acidentado aqui em MbuZini.

Após receber os primeiros socorros foi eventualmente transportado para Nelspruit.

Fernando João juntou-se depois aos restantes moçambicanos e ajudou no reconhecimento dos corpos.

No final, Sérgio Vieira pediu aos sul-africanos que se afastassem. Toda a delegação moçambicana se dirigiu, então para a urna que continha os restos mortais do Presidente.

—Companheiros, aqui, onde estão estas pedras, é o local onde foi encontrado o corpo do Comandante-Chefe que vamos remover. Antes de o removermos, vamos guardar um minuto de silêncio — foram as breves palavras ditas pelo Ministro moçambicano com a voz já cortada pela emoção.

No meio do silêncio sepulcral que se instalara, ouvia-se o soluçar baixinho de moçambicanos. Sérgio Vieira que começara a não conseguir conter mais as lágrimas, recompôs-se sob palavras encorajadoras de Hipólito Patrício.

A urna foi depois transportada por quatro militares da Força Aérea moçambicana para uma carrinha que a levou até junto do helicóptero, no qual viajara o Ministro moçambicano. Dois outros corpos do Ministro dos Transportes e Comunicações, Alcântara Santos, e o do Professor Aquino de Bragança, foram também transferidos para este helicóptero.

Cerca das 16 horas, os restos mortais de Samora Machel chegaram a Maputo. Horas depois, milhares de moçambicanos ouviram pela Rádio a notícia que tanto queriam não ter de ouvir. Fernando João declarou que só tinha havido explosão no momento do embate. (Por Carlos Cardoso, da AIM)



Moçambicanos prestam um minuto de silêncio em memória do Presidente, precisamente no local onde morreu, vítima do despenhamento do avião. (Foto de Kok Nam)

tratava realmente de Samora Machel foi quando, vi a sua mão direita pousada levemente sobre a região inferior do abdómen.

Eram mãos que nunca paravam. Ficaram gravadas nas mentes de milhares e milhares de pessoas através do contacto pessoal, das fotografias nos jornais e em filmes, e através de reuniões e comícios. Eram mãos cheias, inconfundivelmente cobertas por uma pele de veludo.

homem que deixara como imagem principal a sua invulgar vitalidade.

Algumas pedras, recolhidas por um moçambicano, ficaram a marcar o local exacto onde o corpo de Samora fora encontrado após o despenhamento do avião.

Sob o impacto de uma emoção só controlada pela necessidade de haver o máximo de dignidade, e com as lágrimas retidas na foz dos olhos, os moçambicanos passaram à identificação dos restantes corpos, um

nam, ao processo da reconhecimento dos corpos.

Quando decorria o reconhecimento dos corpos, apareceu a apresentarse ao Ministro da Segurança um dos sobreviventes, Fernando Manuel João, que pertencia à guarda pessoal de Samora Machel. Tinha sido trazido de Nelspruit pelo Dr. Vaz.

Foi um momento inesquecível para mim. Fernando João tinha a vista direita muito inchada, mas mantinha toda a solidez do corpo e gestos porque é conhecido entre os seus amigos e colegas de trabalho. Tinha uma roupa interior, possivelmente fornecida no hospital em que estivera, e um robe e estava descalço. Quando Sérgio Vieira o viu caminhou para ele.